

PERSPECTIVAS

Tendências de recuperação

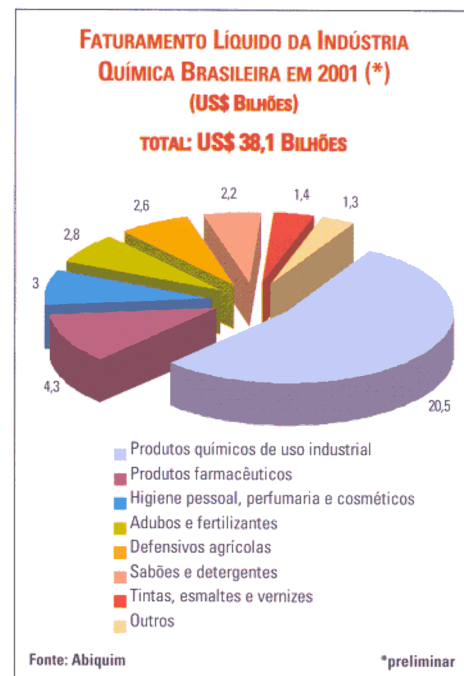
Depois de um ano complicado, o mercado espera um 2002 positivo pela frente. Alto preço da matéria-prima ainda é o fator impeditivo

Chega o início do ano e todos querem saber como se comportará o termômetro da economia nos 11 meses que se seguem. Em um balanço da indústria, o IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) está prevendo um crescimento de 1,7% para o PIB em 2001 e de 2,4% em 2002. Como já disseram muitos empresários, 2001 foi um ano pior do que o esperado no início do ano, mas melhor do que se temia no final do ano. As exportações devem crescer 3,4% em 2002, alcançando US\$ 61,2 bilhões.

Segundo Graham Wallis, diretor da Data-mark e de Justi2i, há uma tendência de aumento no turismo interno no curto prazo que deve gerar reflexos para a economia em geral, estimulando investimentos no Nordeste do País. "As perspectivas para a economia brasileira em 2002 vão depender em grande parte da evolução dos acontecimentos na Argentina e das eleições brasileiras." Entre os cenários desenhados por Wallis, está a transformação do Brasil em pólo exportador de automóveis, autopeças e eletrodomésticos, o que vai depender muito do comportamento do câmbio. "A previsão da produção agrícola é recorde este ano e talvez venha a causar impacto nas exportações e na economia do interior de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul", diz.

Entre os mercados consumidores de embalagem, destaca-se o de água mineral. Segundo o DNPM (Departamento Nacional de Pesquisas Minerais) há 50 licenças para operar novas fontes. Desde 1995, o consumo de água mineral ou mineralizada já dobrou. "A estimativa é de que seja de 3,5 bilhões de litros em 2001, chegando a 4,5 bilhões de litros em 2005. Estes números excluem o mercado informal, que talvez alcance 1 bilhão de litros", diz Wallis. Os mercados de sucos e eletrodomésticos também guardam expectativas de crescimento. A indústria de embalagem por seu lado caminha em direção à redução de custos de produção de embalagens (racionalização de tipos, desenhos, tiragens, novas tecnologias e maior eficiência na compra e na gestão de negócios). Em relação à tecnologia, a tendência mundial é para o uso de sistemas.

Para o presidente da Abre (Associação Brasileira de Embalagem), Sergio Habersfeld, 2001 foi 0X0, ou seja começou bem, a partir de junho veio a crise energética, o problema da Argentina e logo depois, os acontecimentos nos Estados Unidos, refletindo-se em todos os setores. "No final de 2001, houve uma melhora que todos interpretaram como uma recuperação, mas simplesmente voltamos aos níveis do mês de maio. Para 2002, espero que haja um crescimento mínimo de 2,5%, acima da inflação, apesar do mundo todo estar em recessão." Habersfeld, que também é presidente da Abief (Associação Brasileira da Indústria de Embalagem Flexível) estima que o mercado de embalagem flexível teve um crescimento de 3% a 4% em 2001, "mas ainda temos dificuldades de determinar números mais corretos porque 40% do mercado é informal". Um dos problemas desse mercado é o alto preço das resinas termoplásticas, "porque existe um único fornecedor de nafta no país, a Petrobrás, que vem aumentando os preços de forma astronômica." "Precisamos de um preço de matéria-prim



ma compatível com o preço internacional, para que o mercado de embalagem flexível continue crescendo como acontece lá fora."

Alta no déficit

A indústria química brasileira movimentou em 2001 US\$ 38,1 bilhões, divididos nos seus vários setores industriais. Foi um ano que se caracterizou pelo aumento do déficit do setor, de US\$ 6,7 bilhões em 2000, para algo próximo de US\$ 7,5 bilhões em 2001, segundo a Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim). Mesmo com um dólar alto, as importações de produtos químicos aumentaram e as exportações se reduziram.

O dólar afetou boa parte da economia brasileira em 2001, principalmente no caso das empresas que dependem direta ou indiretamente de insumos importados (como a nafta petroquímica) e de produtos ou serviços brasileiros com tarifas e preços relacionados ao dólar. O dólar chegou a aumentar 41% de novembro de 2000 até outubro de 2001. Esse percentual foi aproximadamente quatro vezes superior à elevação dos preços em reais no atacado, no mesmo período. Os investimentos na indústria química brasileira são expressivos. Considerados todos os segmentos, a média tem sido superior a US\$ 2 bilhões, nos últimos cinco anos. Segundo o ministro do desenvolvimento, indústria e comércio exterior, Sérgio Amaral, o maior obstáculo à redução do déficit são as barreiras às exportações. "O governo tem que remover as barreiras externas e internas às exportações e os empresários precisam tomar a decisão de investir para exportar, não praticar apenas um comércio residual."

INVESTIMENTOS REALIZADOS PELA INDÚSTRIA QUÍMICA NO BRASIL - 2000/2001

(projetos concluídos)

Segmento	US\$ bilhões
Produtos químicos de uso industrial	2,2
Produtos farmacêuticos	0,7
Higiene pessoal, perfumaria e cosméticos	0,3
Aduobos e fertilizantes	0,2
Sabões e detergentes	n.d.
Defensivos agrícolas	0,7
Tintas, esmaltes e vernizes	n.d.
Outros	0,5
Total	4,6
Média ano	2,3

Fonte: Abiquim e Associações